

O LUGAR DO LIVRO É PARA SEMPRE UM LUGAR PERDIDO: EDMOND JABÈS E O PENSAMENTO DA OBRA

Carolina Anglada

Assim o livro se lê, antes de tudo,
fora das suas fronteiras.
(Edmond Jabès)

Quando a obra inteira se dá sob o questionamento da própria obra. Quando o livro é sempre sobre as condições de possibilidade e de impossibilidade do livro. Quando o sentido do mundo, se há, é investigado nas suas fontes e raízes, isto é, na palavra. Quando, na palavra, explora-se tanto o *logos* quanto a *phone*. Algo, então, germina, não sem embaraço, e, potencialmente, prepara-se para elevar-se às indagações mais fundamentais e, naturalmente, mais inquietas. É desse modo que podemos considerar o trabalho do escritor judeu Edmond Jabès (1912-1991), nascido no Egito e radicado na França. Migrante por motivos religiosos, o escritor fez do exílio, o motivo de sua obra, e do deslocamento, a condição da própria escrita: “- O deserto fora minha terra. / O deserto é minha viagem, / minha errância” (JABÈS, 2013, p. 91).

Apesar de sua aproximação de Max Jacob, entre outros surrealistas, sua escrita afasta-se de toda filiação a um único movimento, afirmando, ao mesmo tempo, sua solidão e estrangeiridade essencial. Escreve o poeta: “Sempre entre dois horizontes; / entre horizontes e / chamados de horizontes. / Ultrafronteira” (JABÈS, 2013, p. 91). O esgarçamento da

fronteira entre gêneros se dá, portanto, menos pelo relacionamento com as estéticas vanguardistas europeias e mais por sua própria experiência subjetiva de atravessar fronteiras físicas, culturais, religiosas. Jabès alia, assim, a plasticidade das formas fluidas do Surrealismo a duas de suas principais tópicas, que são o judaísmo e a peregrinação. De fato, é inquestionável a importância dos dados biográficos para a aproximação de sua obra; seus livros terão como espectro, centelha e aspiração a imagem da Torá, do livro sagrado de um povo em exílio. No fundo, “a história do escritor e a do judeu são apenas a história do livro que eles reclamam para si” (JABÈS, 2014, p. 198).

Ambientado, portanto, o autor a uma situação limiar, seu livro assume sempre dupla acepção, ambivalência: (narrativa) do exílio e (possibilidade) da morada, (proferimento) do relato e (elaboração) da pessoalidade. Criador e criatura se movem pelas areias do deserto fazendo do questionamento sobre a palavra um questionamento sobre o seu próprio ter lugar. O que dessa perambulação se depreende é certo ensinamento do grão como modo diminuto de se sentir ao mesmo tempo espalhado, perdido, ameaçado e reunido – como as palavras, como o povo prometido. O livro é o que reúne os judeus, Criador e criatura, sujeito e objeto, origem e destino, perguntas e mais incógnitas. Não por acaso, *Le livre des questions* organiza-se em três densos volumes.

Quando atentamos para os títulos de alguns de seus livros, sobressai, de antemão, a tônica do pensamento sobre a obra: *Les mots tracent* (1943), *Du blanc des mots et du noir des signes* (1953), *El ou le dernier livre* (1973), *La mémoire et la main* (1974), *Des deux mains* (1975) e, sobretudo, os mais recentes, *Le livre des ressemblances* (1980), *Le livre du dialogue* (1984), *Le livre du partage* (1987), *Un étranger avec, sous le bras, un livre de petit format* (1989). A rigor, é possível identificar um encaminhamento da temática do signo, da mão e do traço envolvidos no próprio ato de escrever, para uma perspectiva mais ampla, que envolve outros procedimentos relativos à feitura do livro, à sua sobrevivência e transformação, e, certamente, às tensões que em si abriga.

Recentemente, foram publicadas três traduções de Edmond Jabès para o português: *Isso teve lugar* (2013), *Desejo de um começo, angústia de um só fim* (2013), *O livro das margens* (2014). A edição bilíngue dos dois primeiros, cuidadosamente preparada pela Lumme Editor, elaborou modos de manter o texto no original e de o dispor junto ao texto traduzido por Eclair Antonio Almeida Filho e Amanda Mendes Casal. Em *Desejo*,

por exemplo, o formato mais comprido do livro permitiu que ambos estivessem na mesma página, um após o outro. As numerações das páginas apresentam-se em pares, na folha da esquerda, divididas por um travessão, tal como “1 – 2”. Para um autor que teve, como uma de suas mais rigorosas preocupações, o modo de o texto ocupar a página, nada mais justo do que manter-se fiel ao seu projeto.

Passemos, então, à leitura de duas das obras traduzidas, a começar por *Desejo de um começo, angústia de um só fim*.

1. ESTE NADA MEU ÚNICO LIVRO?

Nessa obra, publicada originalmente em 1991, cujo título pode ser pensado como *mise en abyme*, livro em referência à feitura do livro, temos uma organização arrojada entre as duas sentenças que o nomeiam, “*Désir d’un commencement*” e “*Angoisse d’une fin*”. Logo no primeiro texto da primeira seção, o livro que se anuncia é justamente o livro impossível ou o impossível do livro, “sendo um livro: / ‘– contra o livro. / ‘– contra o pensamento. / ‘– contra a verdade e contra a palavra. / ‘– um livro, portanto, que se esfarela à medida que se forma” (JABÈS, 2013, p. 11). As aspas simples principiam cada sentença e mantêm-na nessa espécie de abertura ou inacabamento, uma vez que não se fecham. Lembramos, naturalmente, do “Livro de areia”, de Jorge Luis Borges, conto publicado anteriormente à obra de Jabès. Ambos entrelaçam a perspectiva do infinito com o imemorial e com o sagrado. Assim lemos no seguinte trecho do escritor judeu:

Se eu tivesse que definir a palavra de meus livros, eu diria que ela é a palavra das areias – de areia – um breve instante audível, visível: palavra de uma escuta extrema e de uma memória muito antiga (JABÈS, 2014, p. 197).

A escuta e a memória mais dedicadas levariam a um livro infinito, que, por sua vez, só seria possível se ele se desfizesse à medida que se construísse, dando espaço para tudo que se capta. Diante da inviabilidade de um livro se formar, reformar-se enquanto deforma-se, de a palavra ser mais do que o pouco que ela é, de a imagem se desfazer depois de se revelar, o vendedor do livro de areia afirma (assim como poderia afirmar também para a concepção de livro de Jabès): “Não pode ser, mas é” (BORGES, 2009, p. 120).

Esse trecho, escrito em itálico (como se prestasse o serviço de um epílogo), faz o livro jebesiano iniciar-se como promessa de um livro (ou projeto de um livro) naufragado, em uma linhagem próxima, possivelmente, do *Livro* de Mallarmé. Ambos os escritores estiveram interessados na dimensão ritualística do livro, no caso de Jabès, do livro judaico, e no de Mallarmé, do cristão. Esse último escritor, vale lembrar, enxergava na missa a experiência máxima de uma palavra não representativa, mas evocativa, potente, performativa. Uma das ideias em jogo no seu *Livro* era a da criação de coisas (e não só de palavras, leituras, percepções) a partir da palavra mesma, intuindo que, para isso, seria necessário se valer de outras linguagens, como a da música, para que o sentido viesse menos de uma decifração do que de uma performatização, em ato contínuo.

A semelhança entre os dois se dá também no que concerne ao pensamento da poesia, da escrita, como uma arte gráfica, um processo que se preocupa com os modos de ocupação do texto na página, das imagens suscitadas pela forma. Por isso é que a promessa se cumpre parcialmente: contra o esgotamento da linguagem poética, anunciada por Mallarmé, dá-se, no livro jebesiano, a apropriação de outros escritos, a repetição anônima, a montagem.

Um livro sempre aberto, reaberto, relido, por isso, infinito. Decorado, citado, recitado. Já ao final da primeira seção, narra-se a história de judeus espanhóis que, durante a Inquisição, na Idade Média, quando livres dos olhos de seus senhores, mantinham sob as mãos o livro de seus ancestrais. Não podiam lê-lo, pois sabia-se que a leitura é sempre perigosa. Carregavam-no, portanto, guardando com as mãos a palavra com a qual haviam nascido. O Livro será sempre o seu anúncio, a sua promessa e a sua perda – o destino do desfazer-se à medida que almeja, para si, ser definitivo, ser só um, um só modo de usar.

Mesmo ciente da incomunicabilidade da Verdade, senão em verdades interpretadas, de seu devir alheio às classificações, o livro possível contesta seus modos, seus começos e condições de possibilidade: “Pensar a origem não é, antes de tudo, pôr à prova a origem?” (JABÈS, 2013, p. 14). E colocar a origem à prova não é colocar a própria palavra em questão? Um livro dentro do livro, que se desdobra em livro, que questiona e se autoquestiona – pois só lhe resta a palavra, nada antes. Apesar de herdeiro de uma tradição que crê no Livro, o sujeito sabe, ao mesmo tempo, que “os livros são traídos, contrafeitos, imitados, recopiados, recitados e citados”, como afirma Jean-

Luc Nancy (2016, p. 45). Assim, temos que *pensar* é igual a pôr à prova, duvidar, hesitar diante da própria condição de transmissão das ideias.

O tom aforismático carrega o aporismático. Quando se relata o ensinamento do sábio – “Aceita as profecias pelo que elas são” (JABÈS, 2013, p. 23), não pelo que elas anunciam –, está-se a dizer da importância de um uso e de uma crença na linguagem, já há muito esquecidos. A coragem de proferir a mensagem de uma instância que não responde, isto é, o sagrado ou o divino, exige brevidade para dar a ver as lacunas, para instigar o receptor a preenchê-las. O aforisma e a aporia se entrelaçam na experiência da fala que não diz, que está onde falta, que se promete onde não se cumpre. Mais do que o paradoxo, parece ser o oxímoro a figura de linguagem das mais presentes na obra de Jabès, afinal, o próprio homem do século XX nasce da morte, de Auschwitz, de sua sobrevivência; aprendizagem que o livro carregará nascendo de sua cesura e de sua censura, de sua promessa e de sua falta.

Da destruição em que nasce, o que o livro revela é a sua evidência, sua visibilidade, “o comportamento do corpo” (JABÈS, 2013, p. 17), “a aflição do autor” (p. 17), o seu “formal desmentido” (p. 19). Um livro é uma possibilidade ao mesmo tempo que uma impossibilidade minada, pura potência. A possibilidade surge de um longo período de espera – “‘Questionar é poder esperar mesmo uma vida inteira’, escreve Heidegger” (JABÈS, 2014, p. 58) –, do adiamento do corpo no deserto até que uma centelha irrompa esse estado de plena disposição. Um quase-fora: desejo de entrada, de condução da palavra à sua escrita, e angústia da saída, de evasão dos sentidos, de perda na errância. Risco, lance, aposta; práticas da incerteza. Ao mesmo tempo, experiência da materialidade e da espacialidade do livro – dos sentidos que daí podem emergir, contra toda sorte de expectativa, na movimentação: “Não há lugar para a questão que não seja a questão do lugar” (p. 202).

Já no encaminhamento para o fim da primeira seção, o escritor assinala: “Se o mundo tem um sentido, o livro tem um. / Mas qual?” (JABÈS, 2013, p. 21). E, logo no fragmento seguinte, afirma: “Passiva razão. Razão dos abismos” (p. 21). A razão do poema, da escrita, certamente ensina um outro tipo de pensamento, de operação racional, em que as dualidades passividade/atividade se diluem na essencial unidade da experiência, que também desorienta a oposição razão/emoção. A construção do livro é, nesse sentido, construção em abismo, *mise en abyme*, daquilo que se

abisma, que não tem fundo – e, ao mesmo tempo, que só se constrói a partir de si mesmo.

A segunda seção do livro *Desejo de um começo, angústia de um só fim* se inicia com a repetição do advérbio “ainda” indicando o tempo, o único modo de permanência e de ser: “Ser ainda onde ninguém é mais / que este ‘ainda’ a viver” (JABÈS, 2013, p. 27). Muito mais pessoal, de uma escrita do eu compõe-se o conjunto de “Angústia de um só fim”, como se tratasse do devir não só do livro, mas também do sujeito que escreve, que passa uma vida a escrever e, no final, só se encontra em processo e escoamento, sem pregas, sem ater-se e deter-se em nada. “Fixada a nada. Fixada à água.” (p. 32). A aparente diluição de um objeto ou de um projeto é a sua própria finalidade, “finalidade sem fim” (JABÈS, 1995, p. 82) do juízo estético de que falava Kant.

Abordam-se, despretensiosamente, a amizade, o amor, a paisagem e a passagem, a imagem de si e dos outros, num movimento de reflexão, de espelhamento. Afinal, o que é o pensamento a não ser essa deriva de questões, esse espraiamento do grão incógnito em outras interrogações? O método aforismático e aporismático de que falamos anteriormente seria, então, o modo mais pertinente para fazer reverberarem as questões, não as esgotando em palavras a mais. “Assim como se afere uma fonte, avaliar a vazão / de nossa palavra. / Reduzi-la para não secá-la.” (JABÈS, 2013, p. 45). Mais do que uma questão de estilo, trata-se da revelação das exigências mais profundas de seu pensamento e de sua relação com a escrita que tem a ver com concisão e abertura. Entre um e outro fragmento, o espaço e o silêncio ecoam.

E o tempo retrocede, desenraiza-se da cronologia, da linearidade, em busca de *kairós*, da oportunidade. Instante lancinante de reversão, de encontro da sabedoria com a juventude, da juventude com o renascimento, do signo com seu silêncio. *Desejo de um começo, angústia de um só fim* termina, assim, restituindo o nada do qual se ergueu: “O nada é mais audacioso que o tudo” (JABÈS, 2013, p. 49).

Há, ainda, nesse mesmo volume, mais duas obras traduzidas para o português por Amanda Mendes Casal e Eclair Antonio Almeida Filho, conjuntamente: *A memória e a mão* e *Um olhar*. Na primeira, interessante notar a dimensão da página vazia e os sentidos estabelecidos não só nas dobras, entre a página da esquerda e a da direita, quando aberto o livro, mas também entre frente e verso. No início da obra, encontramos a sentença: “Morremos por nossas próprias mãos” (JABÈS, 2013, p. 61).

Quando passamos ao verso da página seguinte, nos deparamos com: “(Morremos sem mãos)”. De um a outro, o itálico, o rapto da vida, seu devir declinante, impalpável, imprevisível.

O pesquisador Michel Melot (2012, p. 49), em estudo minucioso sobre o objeto livro, intitulado curiosamente de *Livro*, atenta para a peculiaridade da dobra: “O poder transcendental do livro está inscrito em sua dobra. A dobra é a forma elementar do livro, aquilo que o distingue de outros suportes [...]”. Mais adiante, detendo-se mais especificamente no tempo introduzido e regulado pela dobra, afirma:

O tempo do livro é ritmado pela forma, pela página e por seu tamanho. O tempo dobrado não é o tempo desenrolado. O tempo do livro é o tempo fragmentado, ademais, como a dobra o mensura, ele é normatizado. O tempo do livro é determinado pelo espaço (MELOT, 2012, p. 54).

O “formal desmentido”, de que fala Jabès (2013, p. 19), é a própria temporalidade da página, cuja especificidade é a de, no instante da passagem, opor espírito e forma. Essa preocupação no nível formal situa-o no conjunto das vanguardas, preocupadas com o modo ou o meio de o objeto libertar-se de sua reclusão. Há não só um gasto, mas, principalmente, uma perda, “a objetividade da perda” (p. 19) do que escoá, do que atravessa a forma em direção ao *informe*.

Lembramos, naturalmente, de Georges Bataille, dos conceitos de *informe* e de *dispêndio*. Em íntima articulação da arte com o mundo, o pensador francês lista uma série de práticas em que o que está em questão é a despesa improdutiva e *informe*. A insubordinação do que se grava numa página em relação a tudo o que não pode ser grafado numa página dá a ver os desvãos, os abismos, as armadilhas que se encontram no movimento da escrita e da leitura, nos movimentos das mãos. Jabès (2013, p. 67) afirma: “Há o tempo da mão”. Mais do que preencher o branco para elucidar o trabalho e o ofício do escritor, ele se vale de pensamentos diminutos e breves para tornar prenhe de ar e aberto o caminho de abordagem dos fragmentos. A plenitude não se anuncia senão nos cortes e nos intervalos, nas perdas. Cada curta sentença assemelha-se a uma poeira, a um faixo de luz, clareando, repentinamente, o deserto: “Eu escrevo o deserto. / Tão forte é a luz / que a luz se volatilizou” (p. 94). Desprendeu-se, dispersou-se. Tornou-se ponto. Quando visualiza-se um limite, uma margem, o que se está a ver não é uma linha, um traçado, mas um ponto: “Para todo limite, seu ponto” (p. 96). Sua fulgurância em estado concentrado.

2. O LIVRO É TRÊS

Em prefácio à edição francesa de *Edificar no cotidiano*, *O livro das margens III*, Viviane Jabès Crasson comenta a impossibilidade do pai de conseguir ver publicado esse terceiro livro do projeto, por causa da morte dele, em 1991. A divisão em três, segundo Viviane, se explica pela fórmula da tradição mística judaica, do *Livro da formação*: “Deus criou Seu mundo por três livros: o Livro, o livro e o relato” (CRASSON, 2014, p. 238). Jabès, por sua vez, também faz uso do relato a cada vez que insere fábulas, parábolas e aforismas, citando-as, recitando-as, enunciando-as e anunciando-as. Esse jogo estabelecido, de certo modo, entre o autor, os receptores e os recitadores, constitui todo o projeto de *O livro das margens*, fazendo com que o próprio escritor às vezes seja o poeta, outras vezes, aquele que escuta, e ainda outras, o que transmite.

Embora os dois primeiros elementos do Livro da Formação apontem para a palavra escrita, é possível não excluir a dimensão oral uma vez que o relato está intimamente ligado à fala. Jean-Luc Nancy (2016), no ensaio “Relato, recitação, recitativo” relembra a origem performática da literatura, que retorna no sentido de proferimento, em ato, da própria linguagem, resguardada no relato. Assim, no interminável ou no inapreensível de uma cena relatada, de uma cena em relato, põe em jogo a questão da origem, do comentário, da presença e da ausência.

O professor e crítico Éric Benoît (2014, p. 109), em ensaio intitulado “De la voix au livre: la dimension orale et vocale de l’écrit dans l’oeuvre d’Edmond Jabès”, incluído na obra brasileira dedicada ao escritor judeu, *A escritura de Edmond Jabès e seus traços*, pontua a oscilação entre o relato e a escrita do próprio Jabès, à qual a oralidade não se subsome nem se sobrepõe:

[...] d’une part, il y a une oralité des textes de Jabès, du fait de la polyphonie, des voix nombreuses qu’on y entend (voix des rabbins imaginaires, voix de Yukel, voix de Sarah, voix du narrateur, et bien d’autres encore); mais, d’autre part, il y a aussi une spécificité non orale et non vocale de tout texte écrit, et cela aussi est vrai de l’œuvre jabésienne (jeux anagrammatiques sur les lettres des mots, visibilité des marques typographiques comme les italiques ou les retraits de marge dans l’espace de la page: tout ce qui se joue “dans la lettre et non dans l’ouïe”).¹

¹ “[...] de um lado, existe uma oralidade nos textos de Jabès, por causa da polifonia, numerosas vozes são ouvidas (a voz de rabinos imaginários, a voz de Yukel, a voz de Sarah, a voz do narrador e muitos outros ainda); mas, por outro lado, há também uma especificidade não oral e não vocal de todo texto escrito, e isso também é verdade para o trabalho jabesiano (os jogos anagramáticos sobre as letras das palavras, a visibilidade das Remate de Males, Campinas-SP, v. 37, n. 1, pp. 241-259, jan./jun. 2017

A originalidade da escrita de Jabès reside, então, no modo como entrelaça a dimensão oral e a dimensão escrita, o vocal e o gráfico: “l’écrit jabésien tentera donc de ne pas advenir au dépens de la voix, mais, au contraire, d’en manifester la présence et l’action” (BENOÎT, 2014, p. 111).² A voz chega de longe, portanto, do êxodo e do exílio, de sua origem inapreensível. O *Livro das margens*, escrito entre 1975 e 1997, é, nesse sentido, livro de relatos, de recitações, de citações, de ditados, por meio dos quais o próprio sentido e a escrita própria são colocados em migração. Edmond Jabès dispõe, junto a textos de sua autoria, inúmeros excertos de textos alheios e comentários a textos de Michel Leiris, Maurice Blanchot, Emmanuel Levinas, Max Jacob, entre outros. Ao mesmo tempo, coloca-se e retira-se da cena de enunciação, quando dá voz a outros escritores, citando-os e recitando-os, e discutindo-os. Daí viria a marginalidade do livro, sua posição paralela a outras obras, como anuncia o próprio autor:

Os textos reunidos aqui são destinados a permanecer à margem de minhas obras. É necessário lhes conservar esse caráter marginal, sublinhá-lo mesmo, a fim de que a leitura neles se faça mais livre. Eles não devem nada ao Tudo mas, ao contrário, tudo ao Nada; donde seu desejo insaciado pelo Tudo e seu medo inicial pelo Nada.

Eu adoraria que eles fossem recebidos como escritura da vertigem, onde o livro se abre ao livro (JABÈS, 2014, p. 28).

No entanto, a marginalidade parece ser mais radical ainda, como se houvesse, de fato, um impulso para o limiar que dissesse respeito a um pensamento espacial aplicado a todo o livro. A marginalidade é a defesa de certa dispersão, de uma subjetividade descontraída, espreada, de um “eu” que está em retirada. Deus surge, então, como referência de um pensamento espacial: “Pensar Deus, que é o Lugar de todos os lugares, como desmedida do neutro” (JABÈS, 2014, p. 22). Ao mesmo tempo, o nômade é o que experimenta o espaço anulado, o nulo do espaço: “Para o nômade, o espaço se anula a si mesmo” (p. 23). O nulo realiza, para ele, o mesmo que o neutro; seus polos são o Tudo e o Nada, o pensado e o impensado, a vida e a morte em suas reversibilidades.

De um livro de um eu a um livro em comum, de uma comunidade (por vir). Reversibilidade fundamental entre a escrita e a leitura: “O livro se

marcas tipográficas como o itálico ou o recuo da margem no espaço da página: tudo o que toca ‘na letra e não no ouvido’).” Todas as traduções do francês são nossas.

2 “[...] a escrita jabésiana tentará, então, não acontecer às custas da voz, mas, ao contrário, manifestar a presença e a ação”.

escreve ao se dar a ler tal como ele será” (JABÈS, 2014, p. 17). E ele será não o livro, nem a leitura verdadeira, singular, mas o estilhaçamento e a reescrita realizada pelo conjunto de seus leitores. E, nesse conjunto de leitores, está o próprio autor, impelido a ser leitor de si mesmo: “Um mau livro, talvez, seja apenas um livro mal lido pelo seu autor” (p. 18). Jabès reposiciona o autor em um lugar de leitura, por meio do qual o compromisso do escritor com sua obra adquire mais força, mais perenidade.

O caráter testemunhal perpassa grande parte de suas obras. “Um Deus, ele mesmo, tem necessidade de uma testemunha.” (JABÈS, 2014, p. 29). Talvez por isso, Jabès (p. 34) conclame outros escritores, leitores, “continuidade na ruptura”. O testemunhar carece de testemunhas, assim como o Livro está fadado a incluir outros livros, a escrevê-los e a inscrevê-los. Jean-Luc Nancy (2016, p. 51), comparando Livro e comunhão, no Ocidente, afirma: “A ausência do Livro é a ausência da Comunhão – nossa comunhão ou parte de um para todos e de todos por um”.

A amizade que se constrói entre autores parece apontar, mais profundamente, para a única amizade *escrita* possível: entre obras. O relacionamento que se dá na aproximação e no afastamento é uma relação discursiva, de simultaneidade crítica. Os livros de Jabès contêm outros livros, mudados, recortados, reconstruídos enquanto o livro próprio se faz na indiscernibilidade da escrita e da crítica, sem centro, sem hierarquia. O trajeto de sua escrita faz cruzar citações, alusões, endereçamentos, diálogos, como em um espaço que se constitui performativamente, colocando em ato o pensamento e a palavra, e lançando-os para a potência das margens, como o crítico Nilson Oliveira (2014, p. 48) observa:

É a partir dos enlaces, com essa comunidade, que Jabès vai lapidando os contornos do *Livro das margens*, num fazer outro pelo qual o duplo do pensamento multiplica suas possibilidades, inventando uma plataforma esguia que fertiliza um pensamento esguio, indócil, imanente às bordas.

Oliveira (2014, p. 53) encontra na experiência da migração do escritor judeu uma “escrita migratória” e um “conhecimento migratório”, capazes de desterritorializar os elementos constituintes de seu texto, numa espécie de máquina de “outramento”. Sendo a Literatura esta prática de discurso que sobrevive precisamente nos seus confins, por meio das exceções, restamos indagar o modo como Edmond Jabès contribui para o conceito através do modo peculiar como mantém sua escrita avessa às ideias oposições entre documento e ficção, relato e romance. Vejamos três casos do modo

como o escritor invoca outros textos, outros livros, tornando a polifonia e a experiência do limar, os modos de sobrevivência do livro.

2.1 O livro mineral de Roger Caillois

Apesar de mais conhecido por obras sobre jogo, mito e festa, o antropólogo e sociólogo francês Roger Caillois, contemporâneo a Edmond Jabès, escreveu também sobre pedras, no tríptico *Pierres* (1966), *l'Écriture des pierres* (1970) e *Pierres réfléchies* (1975). O que o autor de *O livro das margens* lê em Caillois é essa espécie de ambivalência constitutiva da pedra, de ser “a um só tempo próxima e longínqua” (JABÉS, 2014, p. 34), destinada ao futuro, mas prenhe de passado, oval e redonda, duplo poliedro e losango, “escritura de ultratempo” (p. 209). No pensamento em reta do escritor, a pedra no meio do caminho lhe impõe uma parada, uma cesura, um *antirritmo*. E ele se põe a pensar nela:

Assim, em seu cumprimento, a obra se quer à imagem do mais humilde cascalho; à sua imagem espalhada que o mar, a chuva e o vento acariciam e desgastam; pois a usura, tais as rugas, é também prova de fatal cumprimento (JABÉS, 2014, p. 35).

Da imagem da areia passa-se à imagem espalhada do cascalho. Mais leve, mais espaçada, resposta ao sobrepeso e à sensação de um mundo já sobrecarregado de escritas, de reescritas, de exortações. A tarefa das pedras é a tarefa de seu livro: fazer durar, no palimpsesto de sua superfície morta e viva, o rastro semântico de suas atribuições. O livro deve permitir toda sorte de ritmos, de durações, de intensidades. Seu exterior mal lapidado, irregular, coloca entre parênteses todo movimento que vai da hesitação a um ato de fé. Lê-se a pedra como se deveria ler o livro, ousando uma decifração, descascando suas peles, na busca pelos limiares em que é impossível discernir entre dentro e fora, forma e conteúdo, e diante dos quais o pensamento se espanta. Afinal, ao largo dos corpos, no mais extremo da pedra e do livro, sobrevivem a morte e o silêncio – signos do segredo e da mais alta comoção e da mais intensa pulsão para a meditação.

Caillois (2014, p. 37) chega a aproximar a espécie de mobilidade na imobilidade da pedra ao procedimento da própria poesia: “Nessa visão um pouco alucinada que anima o inerte e ultrapassa o percebido, por vezes eu parecia captar em seu estado natural um dos nascimentos possíveis da poesia”. Ambos seriam enigmas dentro do próprio enigma da linguagem, onde é possível diluir sujeito e objeto, onde é também possível promover o

encontro e a transformação dos reinos, das espécies. O olhar do observador se mimetiza naquilo que observa, trazendo para o seu relato algo da cena em forma de linguagem, a linguagem em forma de cena. Como na versão célebre de Camões (1977, p. 37), “Transforma-se o amador na coisa amada”, Jabès (2014, p. 40) escreve, em carta para Caillois, sobre o método deste: “assim como tu precisaste ir ao extremo do comportamento de teus semelhantes para unir-te a eles em seu silêncio”.

O livro *das margens* é também um livro da amizade, “expressão escrita de uma amizade que se busca na amizade de um desconhecido que se tornou nosso duplo: um adversário e um cúmplice” (JABÉS, 2014, p. 210). Alguém para se escrever contra e a favor, respondendo para e respondendo por.

2.2 O livro da diferença de Jacques Derrida

Consta em *O livro das margens I* (JABÉS, 2014), uma “Carta a Jacques Derrida sobre A QUESTÃO DO LIVRO”, redigida por ocasião de um convite feito pela revista *Arc* em homenagem ao filósofo argelino. Ao invés de um artigo ou de um ensaio, Jabés (p. 50) escreve uma carta, afinal, “ninguém pode falar ao outro – ou do outro – senão pela voz do diálogo íntimo”. Romper o silêncio pressupõe o rompimento anterior da voz para consigo mesma, de um voltar-se para sua própria condição. Só depois de se autocriticar é que a obra pode germinar criticamente – tal seria a herança moderna ainda em vigor na contemporaneidade.

“Ao deixarmos o livro, não o deixamos; habitamos sua ausência.” (JABÉS, 2014, p. 52). Na carta, Jabés evidencia a marginalidade ou lateralidade que toda escritura preserva em relação ao vocábulo. Esse habitar sua ausência é, então, um modo de habitar sua indispensabilidade e, ao mesmo tempo, seu abandono, seu silêncio e sua invisibilidade. Seu vazio, “não absolutamente para reduzi-lo, certamente; mas, a fim de provar sua infinita vertigem” (p. 53). Sua capacidade de diferimento.

Vertigem de um começo, de algo que está sempre por se fazer, por recomençar. Lembramos, evidentemente, do célebre poema de Haroldo de Campos (2004, p. 13), em *Galáxias*: “e começo aqui e meço aqui este começo e recomenço e remeço e arremesso [...]”. A vertigem e a voragem do começo, do recomenço, do ter que falar de novo, mais uma vez reescrever. O livro “é eterno começo, por ter inspirado inumeráveis leituras” (JABÉS, 2014, p. 282). E um começo ainda não possibilita o saber sistemático, é impulso.

Dito de outro modo por Haroldo de Campos, em “Poesia e Modernidade: da morte da arte à constelação. O Poema Pós-Utópico”, a condição constelar da arte contemporânea diz respeito não só ao sentido de pluralidade dos movimentos, mas também à organização da obra de arte singular. Pode parecer equivocado aproximar um poema ao começo de um ensaio sobre a morte da arte, mas é no tom fabular e mítico do poema de *Galáxias*, em que conseguimos entrelaçar, de modo não menos tenso, o que se inicia após nada e o que se inicia após o tudo, após o estudo. A construção do presente, do presente que não cessa de recomeçar, se dá por meio da transformação do passado, *extudo*, em matéria estelar, em relato, a compor a obra pós-utópica:

O presente não conhece senão sínteses provisórias e o único resíduo utópico que nele deve e pode permanecer é a dimensão crítica e dialógica que permanece na utopia. [...] A poesia pós-utópica do presente [...] tem, como poesia da agoridade, um dispositivo crítico indispensável na operação tradutória [...] [que] – vista como prática de leitura reflexiva da tradição – permite recombinar a pluralidade dos passados possíveis e presentificá-los (CAMPOS, 1997, p. 269).

Ambos os escritores estão a pensar a fragmentação, a desfiguração e a transfiguração como condição para a obra do presente: “É na fragmentação que se dá a ler a imensurável totalidade” (JABÉS, 2014, p. 54). Cada obra é uma origem e uma totalidade em si mesma, donde o que muda é a velocidade acionada pela narração, capaz de reposicionar todas as origens e todas as totalidades pela sua característica conjuntiva e disjuntiva. Na fragmentação e na marginalidade perde-se a ideia de um espaço absoluto, de uma dimensão pré-estabelecida. A tensão criada entre o início e o fim de um livro é semelhante à tensão que se forma para conseguir unificar movimentos e tendências muitas vezes contrárias, dentro de um mesmo sistema.

Jabés (2014, p. 55) reproduz, mais adiante, na mesma carta, a definição de um rabino para o livro: “O livro seria isso que ‘é gravado com o negro do fogo sobre o branco do fogo’”. Consumação e gasto sem fim. A diferença é inserida como valor fundamental, pois instaura não só certa instabilidade constitutiva da obra como também certa noção de não pertencimento, deslocamento de eixos sobre os quais assenta. Um desencontro entre a obra e ela mesma, e também entre os “eus” daquele que escreve, daqueles que escrevem. Um diferimento. A *differance* derridiana alcança o próprio ser judeu, como afirma o filósofo, em ensaio dedicado a Jabés:

Nessa não-coincidência de si consigo próprio, ele é mais judeu e menos judeu do que o Judeu. Mas a identidade em si do Judeu talvez não exista. Judeu seria o outro nome dessa impossibilidade de ser si. O Judeu é dilacerado e está, antes de tudo, entre estas duas dimensões da letra: a alegoria e a literalidade (DERRIDA, 1967, p. 112).

A alegoria marca essa eterna busca do sentido das figuras, das imagens, da palavra. Do próprio lugar e do ter lugar da língua: “Só existe a língua” (JABÈS, 1989, p. 2).³ A literalidade, por sua vez, está presente nos diálogos rabínicos, nas interpretações e nos relatos. Entre uma e outra, no emparelhamento entre literatura e não-literatura, a identidade cindida, sempre em devir: “A identidade, talvez, seja um engodo. Somos o que vimos a ser” (JABÈS, 2014, p. 202). Inclusive porque nem a língua está totalmente resolvida, pronta para ser apreendida. A rigor, sujeito e língua interagem de modo a constituírem-se a cada uso, a cada entrada. Em uma carta a Jabès, Max Jacob (*apud* JABÈS, 2014, p. 172) afirma: “É na sintaxe que se revela o indivíduo”.

2.3 O livro do jogo de Michel Leiris

Há, em *O livro das margens I* e no *II*, conjuntos de textos de e sobre Michel Leiris, com quem Edmond Jabès manteve contato durante os anos em Paris. Do primeiro livro, consta “A condição do jogo”, reunião de excertos de vários textos de Leiris, seguido por fragmentos escritos por Jabès.

Percebe-se, portanto, a retomada de termos muito caros ao pensamento do antropólogo e escritor francês, tais como “divisa”, “ferida”, “arena”, “extremo”, “risco”. Todas elas corroboram a tese central de *Espelho da tauromaquia*: há lugares, abismos, nós, onde o mundo *tangencia* o mundo e a si mesmo. Publicada originalmente na década de 1980 (mesma década de escrita do projeto jablesiano), trata-se de uma obra cujo motivo só se realiza a partir de uma perspectiva espacial, por meio da qual é possível chegar ao conceito de *tangenciamento*: “breve paroxismo, que não dura mais que um relâmpago e que deve seu fulgor ao fato de estar na encruzilhada de uma união e de uma separação, de uma acumulação e de uma dissipação” (LEIRIS, 2001, pp. 12-13). Nesse lapso ou rapto do acontecimento, tudo culmina em uma revelação, uma emoção derivada

³ “Il n’y a que la langue.”

do encontro do homem consigo mesmo, além ou aquém da mediação do racional.

Jabès parece ler em Leiris, para além de uma experiência fundamental do espaço na escrita, essa espécie de defesa da dignidade do risco. O escritor judeu aposta, então, na abolição das divisas e fronteiras, na entrega trágica do corpo à escrita, à vida, à vida-escrita. Toda experiência com a linguagem deve ser radical, pois faz resvalar duas ou mais estâncias, sempre na eminência de um sacrifício ou morte. “Arena sem halo” (JABÈS, 2014, p. 79), sem glória, posto que é sempre um enfrentamento, é sempre contra o *outro* que escrevemos e nos escrevemos: “Frente contra frente” (p. 83), de modo que algo sempre vaza, escoa, dissipa-se, como vimos. “A palavra é dupla. É no coração dessa dualidade que ela se prova.” (p. 215) O resultado não pode ser outro que um ferimento, uma abertura na pele, uma dilaceração; “À medida da ferida” (p. 76), “o corpo da ferida” (p. 77).

De um, irrompe o outro. Da regra, surge a exceção. Da reta, a curva. *Entre*: o silêncio, a revelação. “O silêncio não está nem no começo nem no extremo; ele está *entre*.” (JABÈS, 2014, p. 79). No manejo, na incorporação do informe, do sinistro, do perigo, do corpo estranho. Jabès aproxima-se de Deus, do incondicional, do indizível, incorporando-os ao mesmo tempo que deles se distancia. A rachadura entre o Livro e os livros é incontornável; dessacralização que pressupõe afastamento à medida que se tenta aproximação. Para *O livro das margens*, Leiris e a sua conceituação de *tangenciamento* são essenciais, pois fazem dessa experiência da margem, híbrida por natureza, o seu *logos* e o seu *pathos*, ação e comoção, concretude e dinamismo.

3. PARA O LIVRO, NENHUM CHÃO

Na escrita dos livros de Jabès, escreve-se, ao mesmo tempo que tantos outros livros, o livro judeu. Em cada grão de palavra, ao menos duas histórias são escritas, inscritas, “pois o escritor judeu não é necessariamente aquele que, em seus escritos, privilegia a palavra ‘judeu’ mas aquele para quem a palavra ‘judeu’ está em todas as palavras do vocabulário” (JABÈS, 2014, p. 199). Não se narra o exílio, assim como não se narra Auschwitz, porque toda palavra, na boca de um judeu, contém a história de seu povo, “povo geológico”,⁴ para lembrar a expressão do escritor israelense Yehuda

4 “Os judeus não são um povo histórico / Nem sequer um povo arqueológico, os judeus / São um povo geológico com fissuras / E desabamentos e estratos e lava incandescente. / Remate de Males, Campinas-SP, v. 37, n. 1, pp. 241-259, jan./jun. 2017

Amichai. Nesse sentido, a imagem da areia adquire tamanha importância, pois, além de significar toda a dispersão de uma escrita fragmentária e a precariedade de sua inscrição, dá sentido também à concentração, mais radical, de todo o indizível, nas partículas da palavra e das imagens.

Toda palavra de um judeu ecoa no deserto, confrontando o nulo do espaço à experiência própria que faz do próprio abismo morada. E ela se multiplica porque vive à sombra do Livro: “Múltiplas são as aproximações do texto e, geralmente, enigmáticas” (JABÈS, 2014, p. 200). Assim, escrever o livro é estudar os outros livros, os comentários aos Livros, suas interpretações e deduções: “Deus confiou o homem ao homem, dissimulando o Livro nos livros de sua criatura. É na leitura que ele faz cotidianamente de seu livro que o judeu funda sua relação com outrem e com o mundo” (p. 303).

Não se dá por acaso a explicitação da importância da leitura para o judeu. Trata-se de uma prática que extrapola sua relação com os livros sagrados e é posta em ação a cada vez que se lê. O pensador italiano Giorgio Agamben (2012, pp. 52-53) comenta, em sua “Ideia do estudo”, justamente esse elo entre *Talmud*, Torá [Lei] oral e aprendizagem:

Talmud significa estudo. [...] No legado do judaísmo, conta-se, assim, também essa polaridade soteriológica do estudo, própria de uma religião que não celebra o seu culto, mas faz dele objeto de estudo. A figura do doutor ou do letrado, respeitada em todas as tradições, adquire, assim, uma significação messiânica desconhecida do mundo pagão: uma vez que, na sua busca, é a redenção que está em jogo, ela confunde-se com a do justo pela salvação. [...] O estudo, de fato, é em si mesmo interminável. Quem conheça as horas de vagabundagem entre os livros, quando qualquer fragmento, qualquer código, qualquer inicial parece abrir uma via nova, logo abandonada em favor de uma nova descoberta, ou quem quer que tenha conhecido a impressão ilusória e labiríntica daquela “lei da boa vizinhança” a que Warburg submeteu a organização da sua biblioteca, sabe bem que o estudo não só não pode ter fim, como também não o quer ter. A etimologia do termo *studium* torna-se, então, transparente. Ela remonta a uma raiz, *st-* ou *sp-*, que designa o embate, o choque. Estudo e espanto (*studiare* e *stupire*) são, pois, aparentados nesse sentido: aquele que estuda encontra-se no estado de quem recebeu um choque e fica estupefato diante daquilo que o tocou, incapaz tanto de levar as coisas até o fim como de se libertar delas.

Ao mesmo tempo em que a ausência ou o abandono do Livro implicam a liberdade de derivações sustentadas pelo vocábulo, a multiplicação das sombras impõe ao judeu essa espécie de interminável dedicação,

Seus anais devem ser medidos / Numa diferente escala de medida.” (AMICHAÏ *apud* OZ; OZ-SALZBERGER, 2015, p. 16).

própria de todo e qualquer estudo. Afinal, tudo o que ali está escrito é já a interpretação de uma interpretação – o *Talmud* contém a *Mishná* (lei oral interpretativa da *Torá*) e a *Guemará* (que é a interpretação da *Mishná*). Quando Agamben afirma o estudo sem fim, há, de certo modo, a incorporação do elemento estranho, que é a própria morte. Morte do tempo, que não se faz nunca suficiente. Contra toda intenção religiosa de expurgá-la ou de confiná-la a outros espaços que não aquele em ato, Jabès, por meio de sua obra, jamais abandona a ideia da morte, ao contrário, avulta-a, concedendo-lhe plenitude e dignidade. Ela está presente, inclusive, na ideia de sobrevivência do judaísmo e de suas leis, graças ao estudo dos rabinos, responsáveis por não permitirem a morte da tradição na época da diáspora.

Escrever o livro, para Jabès, é escrever seu estudo, portanto, sua obstinada leitura de si, das cisões e feridas, dos dispêndios, assim como de outros escritores situados também à margem, mas como guias diante dessa sucessão de pontos que é um limite. Trata-se de uma profunda imersão na palavra, na palavra lembrada e naquela imediata, na letra e na voz, no pensamento e na materialidade, sem que, contudo, se abdique do mundo, sem que se decida por apenas um elemento. Assim também reflete o pesquisador Caio Meira (2011, p. 195):

[...] não há na ideia de livro nenhum tipo de recusa ou de reparação do mundo; muito ao contrário, seu objetivo é fazer com que mundo e livro sejam a mesma coisa, isto é, que a escrita se torne mundo, um mundo que está contido no livro. Viver no livro (ou escrever o livro) é viver no mundo (ou escrever o mundo; ou ainda: ser escrito por ele) intrincando mundo/escrita/livro num devir comum.

Devir de um livro do porvir. O procedimento e a concepção de escritura jabetesianos apontam para uma outra concepção de livro, cuja forma singular, além de pressupor a escrita como leitura e a leitura como escrita, acomoda o diálogo, o comentário, a interpretação. Seu modo dispersivo e fracionado contém ainda a ideia de que não há, de fato, um original, um modelo para o qual todos os textos apontariam. Na tese “Edmond Jabès: experiência de diálogo”, o pesquisador Sergio Andrés Salgado Pabón (2009, p. 111, grifos do autor) afirma a importância da experiência do *Talmud* para o livro jabetesiano:

[...] a diferencia del *libro absoluto*, este *libro sagrado* (y el pensamiento que sostiene y permite; el pensamiento y la experiencia del pueblo que *guía*: elementos con los que tan fuertemente se relaciona la obra de Edmond Jabès a partir de 1963), no reposa sobre la supuesta “presencia eterna” y

“tranquilizadora” de un sentido original (de una Idea única e inmóvil que la escritura no tendría más que *traspasar* y que el lector debería *apropiarse* siempre idénticamente), sino, antes bien, sobre la radical *inexistencia* de un sentido original (sobre la radical *inexistencia* de una Idea única e inmóvil que la escritura debería simplemente *traspasar* y que el lector debería *apropiarse* siempre idénticamente), y, por tanto, sobre el hecho de que la *escritura* tiene por “labor”, más bien, un carácter, desde siempre y ya en sí mismo, *interpretativo*.

A temática da morte se insere, então, na concepção de uma passagem do tempo que confere variabilidade e flexibilidade ao sentido – e é, nesse sentido, o que também lhe garante a sobrevivência uma vez que assegura sua potência de transformação. O sentido, a rigor, só pode ser interpretativo – a leitura, ao mesmo tempo que o atualiza, realiza-o, pois sem o leitor ou o comentador não há livro. Leiris, Derrida, Caillois são alguns dos nomes, como tentamos demonstrar aqui, que escrevem, portanto, o seu livro, e que são escritos por ele, por Jabès. Como no *Talmud*, escrito por mais de cem estudiosos, não há possibilidade de livro sem a multiplicidade de relatos, de comentários, de interpretações, sem a divergência de devires que fazem desse objeto um movimento potencialmente infinito em sua manifesta inconclusividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CAMÕES, Luís de. *Versos e alguma prosa de*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- CAMPOS, Haroldo de. Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico. In: _____. *O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, pp. 243-269.
- CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- CRASSON, Viviane Jabès. [Prefácio]. In: *O livro das margens*. Trad. Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2014.
- DERRIDA, J. Edmond Jabès et la question du livre. In: _____. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967, pp. 99-116.
- JABÈS, Edmond. *Desejo de um começo, angústia de um só fim*. São Paulo: Lumme Editor, 2013.
- JABÈS, Edmond. *O livro das margens*. Trad. Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2014.

- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- LEIRIS, Michel. *Espelho da tauromaquia*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- MEIRA, Caio. Edmond Jabès e a tradução da forma. In: ALENCAR, Ana Amorim de; LEAL, Izabela & MEIRA, Caio (orgs.). *Tradução literária: a vertigem do próximo*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- NANCY, Jean-Luc. *Demanda: literatura e filosofia*. Trad. João Camillo Penna, Eclair Antonio Almeida Filho, Dirlevander do Nascimento Loyolla. Florianópolis: Ed. UFSC / Chapecó: Argos, 2016.
- OLIVEIRA, Nilson. Um escritura das margens. In: FILHO, Eclair Antonio Almeida (org.). *A escritura de Edmond Jabès e seus traços: livro, palavra, relato e voz*. São Paulo: Lumme Editor, 2014, pp. 43-54.
- OZ, Amós & OZ-SALBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- PABÓN, Sergio Andrés Salgado. *Edmond Jabès: experiência de diálogo*. Tese de Doutorado em Estudos Literários. Facultad de Ciencias Sociales, Pontificia Universidade Javeriana, Bogotá 2009.